

Meu primeiro amor

Texto Ana Luísa Vieira

Não que eu me chame Bentinho, mas meu primeiro amor também foi Capitu. Ela não era morena nem tinha olhos de rês, mas seu focinho gelado e sua pelagem de cor caramelo também acertaram meu coração em cheio.

Eu tinha 9 anos e Capitu foi nossa primeira cachorra. Antes da chegada da canina, tivemos só gatos – peludos dos quais minha irmã mais nova sempre foi fã. Ela veio de surpresa em uma tarde de quarta-feira, fruto de uma ninhada da qual Lipe, cocker da minha tia, foi pai.

Nem lembro o porquê do nome. Provavelmente foi escolhido pela minha mãe, para quem os personagens da vida cotidiana e referências literárias sempre se misturaram.

Me recordo até hoje da surpresa que senti quando, diferentemente de todos os felinos que haviam passado por nossa vida, aquela bolinha de pelos loiro-escuros me esperou chegar da escola pelo simples prazer de me ver voltar para casa. Nas tardes livres, minha brincadeira preferida era jogar a bolinha para a Capitu correr atrás – mesmo que ela fosse meio possessiva e não trouxesse o brinquedo de volta para eu lançar novamente, como manda a regra.

Quase 12 anos depois de tê-la conhecido, escrevendo uma matéria para **Melhor Amigo**, li

sobre os benefícios que a convivência com cachorros traz para o desenvolvimento emocional das crianças: ao lado dos bichinhos, os pequenos aprendem sobre diversas etapas da vida, como nascimento, reprodução, adoecimento e morte. Encontrei muitas das experiências de infância que tive ao lado de Capitu: como descobri o afeto incondicional quando ela aportou em nossa casa, como senti uma preocupação que nunca experimentara quando ela levou uma picada de abelha no focinho e ficou com o rosto deformado por conta do inchaço e, infelizmente, como se separar de nossos melhores amigos pode ser um processo doloroso.

Me afastei da convivência com Capitu na época em que meus pais se divorciaram: meu pai continuou vivendo na casa em que morávamos; eu, minha mãe e minha irmã nos mudamos para um condomínio em que animais de estimação não eram permitidos; e Capitu seguiu seu caminho para viver ao lado da minha avó. Ainda que simplesmente visitar a bichinha não fosse a mesma coisa que me divertir com ela todos os dias e horas, posso garantir que a casa da mãe de minha mãe – que já era um paraíso onde todas as brincadeiras tinham passe livre – tornou-se um lugar ainda mais interessante.

Quando eu já era adolescente, minha avó e Capitu partiram quase ao mesmo tempo: uma para o céu das pessoas e outra para o céu dos cães. Desconfio que uma visite a outra regularmente.

Um pouco mais tarde, quando eu e a nova configuração da minha família mudamos para uma casa novamente, recebemos de braços abertos Lia e Lara – pastoras alemãs que, por conta do porte avantajado, só circulam pelo quintal. Minha adoração por elas é tão intensa e incondicional quanto a que eu sentia por Capitu. Mas primeiro amor é mesmo um só: a gente nunca esquece. A boa notícia é que, quatro meses atrás, decidimos tentar a convivência em áreas internas com uma nova cocker. Ela, sim, é tão morena quanto a Capitu do livro. Seu nome? Lourdes, como se chamava minha avó.



Arquivo pessoal

